

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**ESCOLINHAS DE ARTE:  
perspectivas para a livre-expressão**

**Mariana Azambuja Ramos**

**Porto Alegre  
2009**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

**ESCOLINHAS DE ARTE:  
perspectivas para a livre-expressão**

**Trabalho de Conclusão do Curso de  
Especialização em Pedagogia da Arte,  
do Programa de Pós-Graduação em  
Educação da Faculdade de Educação  
da Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul.  
Orientadora: Prof. Dra. Paola Zordan**

**Mariana Azambuja Ramos**

**Porto Alegre  
2009**

---

*Dedicatória*

A todas as crianças, seres mágicos, que permitem que o trabalho das Escolinhas seja realizado.

Aos guerreiros que lutam com suas forças para cultivar as sementes plantadas.

A todos que acreditam na Arte-Educação.

## *Agradecimentos*

---

Há muitas pessoas a agradecer ao longo deste caminho que me trouxe até aqui. Não existe grau de importância, pois o que importa é que entraram em minha vida e fizeram parte desta caminhada e não posso deixar de lembrá-las.

Com imenso carinho agradeço minha orientadora, Dra. Paola Zordan, neste nosso segundo encontro de orientações acadêmicas. Sua competência, humildade, carinho, compreensão e força nos momentos difíceis foram essenciais para o prazer desta escrita; mas acima de tudo, agradeço por acreditar e incentivar meu trabalho e meus ideais.

Aos professores e colegas do Curso de Pedagogia da Arte pela companhia nas noites de segunda a quinta, que ajudaram a tornar o caminho menos cansativo e mais prazeroso, enriquecendo as trocas que aconteceram ao longo deste ano. Com especial carinho às amigas Adriana Daccache, Carla Binfaré e Rubia Pezzini, pelas tantas conversas, desabafos, risadas e incentivos. São presentes que levo deste curso pra a vida toda.

Aos queridos colegas de trabalho da Escolinha de Arte e do Centro de Desenvolvimento da Expressão, por estarem sempre disponíveis para conversas, por se mostrarem interessados e incentivarem meu trabalho. Obrigada pelo carinho de todos.

Aos sujeitos da pesquisa, que demonstraram grande presteza e felicidade em fazer parte deste trabalho.

Aos meus alunos, todos eles, que participaram de todo este caminho e mesmo sem saber, sempre me deram forças pra acreditar neste trabalho, enchendo meus dias de abraços, risadas, lições de vida e magias.

Aos meus amigos e familiares, em especial meus pais, que sempre estiveram ao meu lado entendendo e respeitando meu trabalho, minhas motivações e meus momentos dedicados a esta pesquisa.

Um outro agradecimento especial, mas não menos importante a ser feito, é um agradecimento à *paixão!* Paixão que move o mundo, move os dias, os ideais, as pessoas, paixão que me move, que me faz acreditar na vida, nas crianças. Paixão de ensinar, paixão de viver.

A todos vocês, meu carinho e agradecimento por todos os momentos vividos ao longo deste caminho, mas principalmente, ao longo deste ano.

**Sustentar.** [Do lat. sustentare.] V. t. d. **1.** Segurar por baixo; servir de escora a; impedir que caia; suportar; apoiar. **2.** Afirmar categoricamente. **3.** Ratificar; retificar; confirmar. **4.** Fazer face a; resistir a; sustar. **5.** Conservar; manter. **6.** Alimentar física ou moralmente. **7.** Prover de víveres ou munições. **8.** Impedir a ruína ou a queda de; amparar. **9.** Dar ânimo a; animar. **10.** Proteger, favorecer; auxiliar. **11.** Sofrer com resignação, com firmeza; agüentar. **12.** Defender com argumentos, com razões. **13.** Estimular, incitar; instigar. **14.** Pelejar a favor de. **15.** Ser contrário, opor-se a. **16.** Conservar a mesma posição; sustentar-se, equilibrar-se.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE  
EDIÇÃO 2008**

**Título:** Escolinhas de Arte: perspectivas para a livre-expressão

**Autor:** Mariana Azambuja Ramos

**Orientador:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Paola Zordan

**Palavras-chaves:** Escolinhas de Arte - Processo criador – Relação professor-aluno – Livre-expressão

### **Resumo**

Baseando-se em entrevistas com pais, alunos, ex-alunos, professores e demais profissionais do Centro de Desenvolvimento da Expressão de Porto Alegre (CDE-Poa) e da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes / UFRGS (Escolinha de Arte/UFRGS), bem como em revisita ao histórico das duas instituições, a presente pesquisa busca entender de que maneira estas duas Escolinhas de Arte se sustentam após mais de quatro décadas de trabalho. A presente pesquisa procura o que está no cerne do trabalho destas instituições, que desde a década de 60 trabalham baseadas no ideal de que todo indivíduo é um ser criador, proposto por Augusto Rodrigues, com a Escolinha de Arte do Brasil no Rio de Janeiro, a primeira Escolinha de Arte criada no Brasil. Aborda-se ainda, a relação entre processo e produto de criação individual e suas implicações na relação professor-aluno. Pretende-se esclarecer as suposições do fechamento dessas entidades, bem como o processo criador vivido intensamente pelas crianças, adolescentes e adultos no cotidiano das Escolinhas de Arte.

## LISTA DE FIGURAS<sup>1</sup>

<b>Fig 1:</b> Augusto Rodrigues.....	13
<b>Fig 2:</b> Aluna (6 anos) durante trabalho de pintura.....	15
<b>Fig. 3:</b> Salas ocupadas pela Escolinha de Arte na Escola Técnica da UFRGS.....	18
<b>Fig. 4:</b> Sala de aula da Escolinha de Arte.....	18
<b>Fig. 5:</b> Detalhe da fachada do atual prédio do CDE.....	20
<b>Fig. 6:</b> Espaço de uma das salas de aula do CDE.....	21
<b>Fig. 7:</b> Alunos (10 anos) durante trabalho de pintura.....	22
<b>Fig. 8:</b> Desenho de aluno (4 anos).....	24
<b>Fig. 9:</b> Aluno (6 anos) durante trabalho.....	25
<b>Fig. 10:</b> Aluno (11 anos) durante confecção de fantoche.....	26
<b>Fig. 11:</b> Aluna (5 anos) durante pintura do muro externo do CDE.....	26
<b>Fig. 12:</b> Detalhe de alunos trabalhando.....	27
<b>Fig. 13:</b> Aluno (6 anos) durante trabalho de pintura.....	28
<b>Fig. 14:</b> Aluna (6 anos) durante trabalho de desenho.....	30
<b>Fig. 15:</b> Alunos (3,5 anos) durante trabalho.....	32
<b>Fig. 16:</b> Alunos (10 anos) durante trabalho de colagem e pintura.....	34
<b>Fig. 17:</b> Alunos (5-7 anos) durante trabalho de pintura coletiva.....	35
<b>Fig. 18:</b> Alunos (10 anos) durante trabalho com sucata.....	35
<b>Fig. 19:</b> Detalhe da exposição anual da Escolinha de Arte de 2008.....	33
<b>Fig. 20:</b> Logotipo dos programas Radar, Estação Cultura e Pandorga, da TVE.....	37
<b>Fig. 21:</b> Aluna (6 anos) durante trabalho de desenho.....	38

---

<sup>1</sup> Com exceção da Fig. 1, retirada da internet (ver bibliografia – documento eletrônico), todas as demais imagens são fotografias de autoria da pesquisadora.

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVAS .....</b>	<b>10</b>
<b>1. O MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE .....</b>	<b>13</b>
<b>2. HISTÓRICO DAS ESCOLINHAS DE ARTE EM PORTO ALEGRE.....</b>	<b>17</b>
2.1. O PROJETO ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS.....	17
2.2. O CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO.....	19
2.3. O FUTURO DO TRABALHO DAS ESCOLINHAS.....	21
<b>3. PROCESSO CRIADOR E LIVRE-EXPRESSÃO.....</b>	<b>24</b>
<b>4. QUESTÕES PARA PENSAR JUNTO.....</b>	<b>32</b>
4.1. QUESTIONÁRIOS.....	32
4.1.1. Perfil dos Sujeitos da Pesquisa.....	33
4.2. ANÁLISE DA PESQUISA .....	33
4.2.1. Da Importância das Escolinhas de Arte: <i>espaço de criação, cumplicidade, alegria onde a criança/adolescente se expressa de forma livre</i> .....	34
4.2.2. Do Processo de Aprendizagem e Produto Resultante: <i>a caminhada é tão rica quanto chegar ao seu destino</i> .....	35
4.2.3. Da Visibilidade: <i>desconhecidas de uma grande parcela da sociedade</i> .....	36
4.2.4. Do Que Sustenta o Trabalho das Escolinhas: <i>são grandes escolas para professores, pais, aluno</i> .....	38
4.2.5. Do Fechamento das Escolinhas: <i>tenho certeza que cada semente que se plantar em cada criança que participa dessa escola ajudaria o mundo a ser bem melhor</i> .....	39



**5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....40**

**REFERÊNCIAS.....41**

**ANEXOS.....43**

I – Carta da Profª Iara Rodrigues sobre saída da Escolinha do prédio do Instituto de Artes

II – Questionários aplicados

III – Tabulação qualitativa dos enunciados extraídos dos que

## APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVAS

Há dois anos, iniciei um estágio no Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE) Porto Alegre e mergulhei novamente no mundo das Escolinhas de Arte, pois quando pequena, uma Escolinha (CDE Odessa Macedo, em Bagé) fez parte da minha vida e me rendeu alguns dos melhores momentos de minha infância.

De março de 2006 a janeiro de 2007 atuei como estagiária junto aos ateliês de atividades múltiplas com crianças e adolescentes onde tive a oportunidade de ver muito de perto a realidade das Escolinhas de Arte.

Hoje, já formada, atuo como professora no CDE e no Projeto Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS, com alunos a partir dos 4 anos de idade.

Muito interessa-me a prática das Escolinhas, pois estas fazem parte da minha vida desde meus 3 anos. Infelizmente, como poderá ser visto mais adiante nesta pesquisa, muitas pessoas não têm conhecimento da existência destes espaços e eles acabaram com o tempo, não sendo devidamente lembrados, pelas pessoas que já os conhecem ou conheciam, por não receberem a devida atenção da mídia e principalmente da produção acadêmica e intelectual.

O presente trabalho tem a intenção de pesquisar o que sustenta a prática das Escolinhas de Arte atualmente, trazendo os embasamentos filosóficos de sua prática, questões para pessoas ligadas à área de arte e a história dessas instituições, tomando como referência o CDE Porto Alegre e o Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, por estarem situadas em Porto Alegre, cidade na qual foi realizada a pesquisa entre os meses de abril e outubro.

Este trabalho traz, como corpo da pesquisa sobre o que sustenta a prática dessas instituições, uma revisita ao histórico do CDE e da Escolinha de Arte da UFRGS, bem como apresenta um questionário aplicado aos sujeitos envolvidos.

Para fundamentar teoricamente todo este processo, a fim de aprofundar as idéias relacionadas a esse trabalho realizado pelas Escolinhas, uso como referência textos de

Herbert Read, Viktor Lowenfeld, João Francisco Duarte Júnior, Edith Derdyk, Paulo Freire, Augusto Rodrigues, entre outros autores. Tais leituras permitem a construção de um saber sobre a prática das Escolinhas e até mesmo esclarecer alguns conceitos fundamentais na instituição desta, tais como “processo criador” e “livre-expressão”.

Nas Escolinhas, os alunos fazem uso de sua liberdade de escolha, de ir e vir e, principalmente, de ser quem eles são, através da sua expressão criadora, corporal e, em alguns casos, até musical. É um local onde o aluno pode viver seu processo de desenvolvimento e de criação a seu tempo, onde quem comanda o ritmo deste processo é ele mesmo. Muitos alunos envolvidos com seu processo de criação chegam a levar mais de uma aula em um trabalho, para que possam desenvolvê-lo com muita calma.

Neste espaço é possível que se exerça a liberdade, porque também se aprende a exercer o respeito, o cumprimento de regras, a viver e conviver com o outro, permitindo que a criança se exponha na forma mais pura de seu ser. Digo pura porque, para mim, a criança tem um olhar simples, sem maldade e, apesar de sofrer influências externas do mundo, ainda assim, quando externa seus sentimentos, eles vêm carregados da sua maneira de ver o que se passa ao seu redor e esta maneira é pura.

Ao entrar em um ateliê de livre-expressão, como são as Escolinhas de Arte, nos deparamos com crianças e adolescentes absorvidos pelo seu processo de criação, cada um na prática que escolheu para aquele momento. Alguns desenham, outros pintam, trabalham com argila, com *papier machè*, colagens, construções com sucatas, entre outras atividades disponíveis.

As idades variam dentro de uma determinada faixa etária e eles se sentem à vontade, aprendendo a lidar com as diferenças, sejam elas de idade, classe social, raça ou qualquer outra que venha a surgir, como gostos pessoais, por exemplo. Por vezes, o professor sugere um trabalho coletivo, para que todos os alunos possam participar, incentivando assim a socialização da turma.

Assim sendo, estas instituições trabalham com respeito às criações das crianças e adolescentes. Trabalha-se em cima da bagagem que o aluno traz para dentro da instituição, valorizando a criança como um todo: sua maneira de pensar, de agir, de se expressar, de se comunicar, estando em contato direto com seu interior.

De 1948 para os dias de hoje muitas Escolinhas surgiram e fecharam suas portas,

esbarrando em dificuldades de ordem financeira, física, estrutural, ideológicas e políticas. Todavia, existem ainda no Rio Grande do Sul a Escolinha de Arte da UFRGS e o Centro de Desenvolvimento da Expressão que realizam este trabalho, apesar das dificuldades.

## 1. O MOVIMENTO ESCOLINHAS DE ARTE

O Movimento Escolinhas de Arte (MEA) surgiu com a influência do pensamento de Herbert Read sobre educação. Em seu livro *Educação através da arte*, Read nos coloca:

“o que eu tenho presente não é simplesmente a ‘educação artística’ como tal, que deveria denominar-se mais apropriadamente educação visual ou plástica: a teoria que enunciarei aqui abarca todos os modos de expressão individual, literária e poética (verbal) não menos que musical ou auditiva, e forma um enfoque integral da realidade que deveria denominar-se educação *estética*, a educação desses sentidos sobre os quais se fundam a consciência e, em última instância, a inteligência e o juízo do indivíduo humano. Somente na medida em que esses sentidos estabelecem uma relação harmoniosa e habitual com o mundo exterior, se constrói uma personalidade integrada”.<sup>2</sup>



Fig. 1 Augusto Rodrigues

Em muitos países, outros teóricos e poetas realizaram estudos significativos para a área da arte-educação<sup>3</sup> e suas idéias passaram a fazer parte do MEA, como por exemplo: Franz Cizek (Áustria); Marion Richardson, A. Barclay-Russel (Inglaterra); Arno Stern, P. Duquet (França); Viktor Lowenfeld (Áustria/EUA); John Dewey, Rudolf Arnheim (EUA); Tom Hudson (Inglaterra/Canadá); Ulisses Pernambucano, Sylvio Rabelo, Aloísio Magalhães, Francisco Brennand, Paulo Freire, Anísio Teixeira, Nise da Silveira, Cecília Conde, Oswaldo Goeldi; Helena Antipoff (Brasil).<sup>4</sup>

Em Porto Alegre existem o Projeto Escolinha de Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e o Centro de Desenvolvimento da

<sup>2</sup> READ apud DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. Campinas: Papyrus, 1995, p.117.

<sup>3</sup> Segundo Duarte Júnior, a arte-educação pretende ser uma educação que permita que o ser humano desenvolva uma maior sensibilidade para com o mundo que o cerca. DUARTE JÚNIOR. *Por que arte-educação?* Campinas, SP: Papyrus, 1991.

<sup>4</sup> VARELA, Noêmia. Movimento Escolinhas de Arte. *Fazendo Artes*, Rio de Janeiro, nº 13, 1988.

Expressão (CDE), que continuam realizando seu trabalho de educação através da arte desde a década de 60.

Com base em informações obtidas junto ao CDE e Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, é possível construir um breve resumo cronológico do Movimento de Arte-Educação:

*1897 – Criação da Classe de Arte Infanto-Juvenil, de Franz Cizek, em Viena (Áustria). A partir desta data há a expansão do Movimento que mais tarde seria conhecido como Arte-Educação. Principais países: Inglaterra, França, Alemanha, Estados Unidos e Japão.*

*1941 – Vinda ao Brasil de uma exposição de crianças inglesas, apresentadas pelo crítico de arte, Herbert Read.*

*1943 – Publicação do livro Education Trought Art, de Herbert Read (1893-1968), estudioso e organizador do pensamento filosófico do Movimento. Somente em 1955 este livro seria publicado em espanhol, sob o título de Educación por el Arte.*

*1948 – 8 de julho. Criação da Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, por Augusto Rodrigues, com artistas e educadores. A partir deste ano, inspiradas por Augusto Rodrigues, há a proliferação de Escolinhas pelo Brasil e pela América Latina.*

*- 10 de dezembro. Declaração dos Direitos Universais do Homem, pela ONU.*

*1949 – Criação da Escolinha de Arte do Círculo Militar de Porto Alegre, pelo Major Fortunato e sua esposa Edna.*

*1950 – Criação da Escolinha de Arte do Círculo Militar de Santa Maria, sob a direção de Maria Leda Martins de Macedo. Criação da Escolinha de Arte Francisco Lisboa, em Cruz Alta, fundada por Teresa Gruber.*

*1954 – Criação da International Society of Education Trought Art – INSEA (Sociedade Internacional de Educação Através da Arte),*

*hoje órgão da UNESCO, tendo como Presidente de Honra Herbert Read e como um dos membros do Conselho, Augusto Rodrigues.*

**1960** – 15 de setembro. Criação da Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS, por Alice Soares e Rubens Cabral, respectivamente vice-presidente e presidente da nova Associação.

**1961** – Criação da Escolinha de Arte da Divisão de Cultura da SEC, atual Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE), sob a direção de Lygia Dexheimer.

**1973** – Criação da Sociedade Brasileira de Educação Através da Arte (SOBREART), tendo como Presidente de Honra Augusto Rodrigues e como presidente Zoé Chagas Freitas.

**1984** – Criação da Associação Gaúcha de Arte-Educação (AGA), tendo como presidente Marly Ribeiro Meira

As Escolinhas de Arte são instituições que surgiram no Brasil, mais especificamente com a criação da Escolinha de Arte do Brasil, por Augusto Rodrigues, tendo como parceiras Lúcia Alencastro Guimarães (conhecida como Lúcia Valentim) e Margaret Spencer, no ano de 1948. Buscavam a valorização da educação através da arte com o objetivo de formar um ser humano mais sensível e crítico de si mesmo. Além de Augusto Rodrigues, também foram idealizadores e pessoas importantes deste movimento no Brasil: Noêmia Varela, Iara de Mattos Rodrigues, Helena Antipoff, para citar mais alguns exemplos.



**Fig. 2:** Aluna (6 anos) durante trabalho de pintura

Segundo Augusto Rodrigues, o nome Escolinha foi dado pelas próprias crianças, fazendo uma carinhosa distinção entre a escola regular e àquele lugar onde elas iam para realizar atividades criadoras, ter novas experiências e fazer novas descobertas.

Quando a Escolinha realmente começou, creio que a tendência era ela se chamar Escolinha Castro Alves, porque estava na Biblioteca Castro Alves. Mas eu não quis dar nome à Escolinha. Estávamos realmente fazendo uma experiência em aberto, até o momento em que começamos a sentir que precisava de um nome. Aí é que surgem as crianças que já começavam a dizer: ‘amanhã eu venho à Escolinha’, (...) <sup>5</sup>

Quando se fala em Escolinhas de Arte é difícil encontrar livros, imagens, documentos, artigos que tratem do assunto, pois a maior parte dessa história vive na memória de pessoas que vivenciaram a criação e a afirmação das Escolinhas. Poucos são registros e os existentes, muitas vezes, não estão arquivados ou estão dispersos, dificultando o acesso de pessoas interessadas.

Sobre a Escolinha de Arte do Brasil, Noêmia Varela <sup>6</sup> escreve que:

entre a vida cotidiana, a vida suada do MEA e sua história, restará sempre uma realidade não revelada: fatos, produções, dúvidas, desacertos, hipóteses – um inexplorado acervo de memórias ainda não transformado em texto escrito. Acervo que se resguarda, disperso pelas Escolinhas (surgiram do Amapá ao Rio Grande do Sul) e na memória dos que nelas trabalham ou ainda estão, em outras instituições, na procura de uma educação criadora. <sup>7</sup>

As Escolinhas de Arte, desde sua criação até hoje, são locais onde se pode exercer a chamada *livre-expressão* <sup>8</sup>, termo bastante debatido dentro do campo da arte-educação, campo este que segundo Duarte Jr. <sup>9</sup>, não quer dizer ensinar alguém a se tornar artista, mas sim uma educação ligada à arte, que ajude a desenvolver uma maior sensibilidade, para uma melhor compreensão do mundo que nos cerca.

---

<sup>5</sup> INEPE. *Escolinha de arte do Brasil*. Brasília: Escolinha de Arte do Brasil, 1980.

<sup>6</sup> Noêmia Varela foi diretora técnica da Escolinha de Arte do Recife e presidente de honra da Associação de Arte-Educadores do Nordeste.

<sup>7</sup> VARELA, Noêmia. Movimento Escolinhas de Arte. **Fazendo Artes**. Rio de Janeiro, nº13, 1988.

<sup>8</sup> Também chamada de “auto-expressão” por Lowenfeld e Brittain, em seu livro *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: SP: Mestre Jou, 1977, p. 28.

<sup>9</sup> DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Por que arte-educação?* Campinas, SP: Papirus, 1991.



## **2. HISTÓRICO DAS ESCOLINHAS DE ARTE EM PORTO ALEGRE**

A pesquisa sobre o histórico das instituições pretende remontar sua trajetória de maneira a fazer entender como e por que razão surgiram e também, os caminhos que percorreram desde sua fundação até os dias de hoje, para que se possa entender as necessidades que enfrentam as Escolinhas.

As dificuldades enfrentadas ao longo do caminho, as mudanças de prédio, corte de verbas, tudo isso só pode ser entendido fazendo o estudo da história dessas instituições, que no ano de 2008 completam mais de 4 décadas e meia de trabalho.

Pretende-se com a pesquisa sobre o histórico resgatar e/ou descobrir quais os elementos que contribuíram para o auge dessas instituições e se atualmente eles ainda estão presentes no seu cotidiano ou, ao contrário, se não estão presentes, comprometendo sua estrutura de funcionamento.

### **2.1. PROJETO ESCOLINHA DE ARTE DA UFRGS**

Em 1959, foi fundada a Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes, por um grupo de artistas e professores liderados por Fernando Corona, Ângelo Guido, Ado Malagoli, Alice Soares, Alice Brueggemann, Leda Flores e Lygia Rothmann, tendo como seu primeiro presidente o professor Rubens Galant Costa Cabral e como vice-diretora a professora Alice Soares.

Em 1960 a diretoria da nova Associação Cultural, cria a Escolinha de Arte, movida pelo ideal de poder proporcionar a crianças e adolescentes uma formação complementar à escola, oferecendo-lhes meios para que pudessem desenvolver sua sensibilidade através da livre expressão, construindo, dessa forma, sua personalidade.

Pensavam seus criadores, com essa iniciativa, ser um núcleo de apoio ao Movimento Mundial de Arte-Educação, iniciado em nosso país com Augusto Rodrigues, na Escolinha de Arte do Brasil.



**Fig. 3** Salas ocupadas pela Escolinha de Arte na Escola Técnica da UFRGS

Em instalações prontamente cedidas pelo professor Ângelo Guido, a Escolinha de Arte passa a funcionar a 15 de setembro de 1960, na cobertura do prédio anexo ao Instituto de Artes, tendo como sua diretora-fundadora a professora e artista plástica Alice Soares.

Iniciaram seu trabalho na Escolinha como professoras-fundadoras: Alice Soares, Alice Brueggemann, Lygia Rothmann,

Leda Flores, Berenice Gorini, Maria Elizabeth Prates, Dione Greca e Iara de Mattos Rodrigues.

A Escolinha de Arte, que tem por objetivo evidenciar e valorizar a expressão criadora de crianças e adolescentes, procurando levar a seus alunos, através do livre exercício criador, a idéia do fazer artístico como um processo natural de vida, constitui-se num espaço de atividades criadoras múltiplas, oferecendo a seus alunos aulas de pintura, desenho, modelagem, fotografia, madeira, colagem, origami, sensibilização musical, jogo dramático, construções em 3 dimensões e outros meios de expressão, em regime de trabalho diverso do ensino formal da escola regular.

Os alunos freqüentam a instituição 1 ou 2 vezes por semana, em turmas divididas por faixa etária, a partir dos 3 anos e meio de idade. As aulas têm a duração de 2 horas. Cada turma tem em média 12 alunos, sendo que as turmas de adolescentes e adultos podem chegar a ter 20 alunos. Seus professores são todos formados pelo Instituto de Artes da UFRGS e possuem o Curso de Arte-Educação,



**Fig. 4** Sala de aula da Escolinha de Arte

promovido pelo Projeto Escolinha de Arte da UFRGS, atualmente em parceria com o Centro de Desenvolvimento da Expressão.

Desde seu início, a Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes manteve um intenso convívio com os alunos do Instituto de Artes. De acordo com relatórios antigos da Escolinha e alguns professores que estão há mais tempo trabalhando na instituição, os alunos chegavam para saber o que se fazia, observavam as aulas e solicitavam informações sobre a linha filosófica do trabalho ali desenvolvido.

Em 1972 firmou-se um convênio entre a UFRGS e a Associação Cultural dos Ex-Alunos, em que caberia à Escolinha ministrar Cursos Intensivos de Arte-Educação, com a duração de um semestre letivo, para alunos das três áreas do Instituto de Artes: Música, Artes Cênicas e Artes Visuais. Em contrapartida, a Universidade assegurava à Escolinha o espaço físico e uma pequena verba de auxílio para material.

Em março de 1995, após 34 anos de atividades, a Escolinha teve que ceder o espaço que ocupava no prédio do Instituto de Artes para a instalação do Curso de Pós-Graduação do Departamento de Artes Visuais. Transferiu-se, então, em caráter emergencial e a convite da diretora da Escola Técnica da UFRGS, para a sala de artes daquela instituição, onde permanece até o presente momento.

Em 9 de setembro de 1995, na gestão do reitor Hélió Trindade, foi assinada a incorporação da Escolinha de Arte à Universidade, através da Pró-Reitoria de Extensão e da FAURGS. Por esse ato, passa a denominar-se Projeto Escolinha de Arte da UFRGS.

## **2.2. CENTRO DE DESENVOLVIMENTO DA EXPRESSÃO**

O Centro de Desenvolvimento da Expressão<sup>10</sup>(CDE) foi criado em 12 de abril de 1961, sob a denominação de Escolinha de Arte Infanto-Juvenil de Porto Alegre, por iniciativa da Divisão da Cultura da SEC. Para sua organização, foram convidadas as professoras Lygia Dexheimer Ali Sheik e Carmen Weeck dos Santos, que haviam feito estágio com Augusto Rodrigues, no Rio de Janeiro.

---

<sup>10</sup>Histórico construído junto ao documento *CDE 30 Anos*. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 1990.

Instalada num prédio ao lado do Theatro São Pedro, a “Casa da Paineira” atendia em torno de 110 crianças e adolescentes, distribuídos em ateliês conforme a faixa etária. Os trabalhos dos alunos foram sendo arquivados em pastas individuais, dando início ao grande acervo que possibilita a pesquisa em importantes áreas do conhecimento humano.

Em 1962, foram iniciados Cursos Intensivos de Arte Educação e palestras com o objetivo de preparar recursos humanos e divulgar experiências realizadas. Com a ampliação da área física através da utilização de mais de um prédio na Praça da Matriz, o número de alunos, professores e atividades aumentou, sendo também criado um espaço para a exposição dos trabalhos dos alunos.



Fig. 5 Detalhe da fachada do atual prédio do CDE

Com base nas idéias de Herbert Read, de que interesse, concentração e imaginação são elementos chave no processo educativo, a professora Maria Leda Macedo assumiu como diretora em 1969. Nessa época foi lançado o *Boletim Informativo*, dirigido aos pais e educadores. Nele eram veiculados projetos, resultados de trabalho e artigos sobre arte-

educação. Assim, a primeira década consolidou a experiência da então Escolinha de Arte Infanto-Juvenil de Porto Alegre, comemorada com uma exposição retrospectiva e um álbum dos 10 anos.

Nos anos 70 os Cursos de Arte-Educação passaram a ter duração de um ano letivo, na intenção de aprofundar as propostas da educação através da arte. Com o objetivo de divulgar a pesquisa realizada no acervo sobre o desenvolvimento da expressão gráfico-plástica da infância à adolescência, foi montada uma exposição itinerante para percorrer o interior do Rio Grande do Sul. A década marcou algumas mudanças, como por exemplo, o fato de o *Boletim Informativo* ter passado a se chamar *Informa*.

No ano de 1979 foi encaminhado à Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, o projeto de criação do Centro de Desenvolvimento da Expressão (CDE), levando em

consideração as modificações que foram sendo introduzidas ao longo dos anos, como os cursos de adultos. A publicação do decreto de criação do CDE só ocorreu em 1984.

A comemoração dos 25 anos da instituição assinalou um dos movimentos de grande reflexão sobre sua trajetória e significado. Desta análise resultaram a reorganização do arquivo dos ex-alunos, estudos sobre etapas da expressão gráfico-plástica infantil e a reciclagem de materiais expressivos.

O CDE de hoje é o resultado do trabalho de pessoas que acreditam ser possível, através do imaginário e da sensibilidade, construir um mundo onde a arte pode ser uma forma de vida. Depois de mais duas mudanças de prédio, o CDE transferiu-se, em 1982, para a Avenida Ipiranga, onde funciona atualmente.



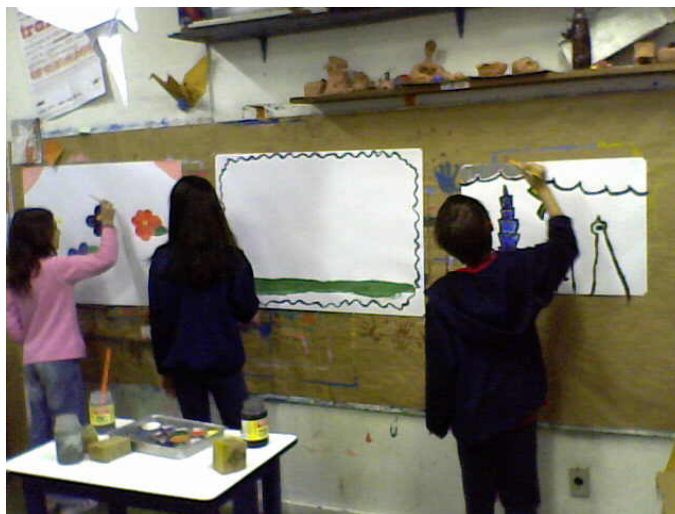
**Fig. 6** Espaço de uma das salas de aula do CDE

### **2.3. O FUTURO DO TRABALHO DAS ESCOLINHAS**

As Escolas de Arte permitem que a criança e o adolescente vivam seus

processos criadores da forma mais intensa e entregue possível, tal como veremos no capítulo seguinte, pois o espaço é pensado da maneira mais eficaz para permitir que eles se sintam à vontade e livres para criar. O espaço é para eles!

Muitos pais, preocupados com a educação e desenvolvimento de seus filhos, ainda procuram esse espaço a fim de proporcionar-lhes essa liberdade de criação, que nem sempre é possível em um ambiente onde as pessoas à sua volta não estão preparadas para permitir que a criança crie sem interferência, pois de “maneira geral, a atividade da auto-expressão não pode ser racionalizada. Qualquer aplicação de um padrão externo, em termos



**Fig. 7** Alunos (10 anos) durante trabalho de pintura

de técnica, ou de forma, imediatamente provoca inibição e frustra todo o objetivo. O papel do professor é de ser atendente, guia, inspirador, parceiro psíquico”<sup>11</sup>

O papel do professor é muito importante neste espaço, pois ele precisa orientar os alunos, oferecendo materiais e possibilidades, mas sem interferir no seu trabalho, pois isso pode gerar problemas futuros, como a frustração e o medo do desenho, por exemplo, além disso, interferindo no trabalho a criação deixa de ser do aluno e passa a ser do aluno e do professor.

É essencial que, neste trabalho realizado pelas Escolinhas, haja uma boa relação de confiança entre a criança ou adolescente e seu professor, pois desta relação depende o processo de desenvolvimento de cada um dentro deste espaço.

É pensando neste trabalho com a criança e o adolescente que comecei a me questionar sobre o motivo pelo qual existem tão poucas instituições como essas no nosso estado e até mesmo no Brasil e quando existem, não são do conhecimento de todos e tampouco, recebem devida visibilidade no mundo acadêmico e nos cursos de Licenciatura

---

<sup>11</sup> READ, Herbert. *A educação pela arte*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.231.

em Artes. A criança necessita ser estimulada, de forma sutil, para que haja um crescimento de sua expressão, assim ela se desenvolve plenamente. Lowenfeld nos diz que:

Ficou comprovado, sem nenhuma sombra de dúvida, que a arte exerce influência fundamental sobre o desenvolvimento da personalidade infantil e, portanto, também sobre o futuro das crianças. Não somente influi na capacidade de adaptação emocional da criança, como também lhe fornece os meios para tornar sua vida mais rica e mais bela <sup>12</sup>.

As Escolinhas enfrentam uma série de dificuldades, entre elas estão: falta de espaço físico adequado, funcionam em sedes não próprias, situação financeira instável, falta de verbas, dificuldade de divulgação na mídia, entre outras. Apesar disso, tentam se manter para continuar realizando esse trabalho, acreditando na educação através da arte, compartilhando ideais de arte-educadores, pais, educadores, teóricos e respeitando o ser humano na sua mais pura forma de ser.

---

<sup>12</sup> LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte: um guia para os pais*. São Paulo: Mestre Jou, 1977, p.216.

### 3. PROCESSO CRIADOR E LIVRE-EXPRESSÃO

*“Eu sei que o mar é azul, mas o meu é vermelho.”*

*Augusto Rodrigues*

Desde o nascimento, a criança já começa a se expressar e segundo Lowenfeld e Brittain, “para a criança, a arte é algo muito diferente [relacionando com a arte do adulto] e constitui, primordialmente, um meio de expressão”<sup>13</sup>. Sendo assim, toda criança cria. Não só a criança, o adolescente e o adulto também, mas cada um de uma maneira diferente.

Herbert Read nos diz que as “crianças possuem uma arte, isto é, uma forma de se expressar através de imagens visuais e plásticas próprias ao seu estágio de desenvolvimento mental [...] e não deve ser julgada pelos padrões adultos”<sup>14</sup>. Sendo assim, presume-se que a criança usa a arte como forma de se expressar, mesmo que isso ocorra inconscientemente. Ela



**Fig. 8** Desenho de aluno (4 anos)

desenha aquilo que conhece, da forma como a conhece naquele estágio de desenvolvimento em que se encontra e com o tempo, essa forma tende a ser aperfeiçoada, melhorada. Com seu desenvolvimento mental, seu desenho também se desenvolve, e começam a surgir novos elementos, como os braços e pernas nos desenhos de figura humana.

As crianças de hoje perderam um pouco o hábito do desenho e da expressão criadora, pois estão ocupadas demais em outras atividades, como música, tênis, inglês, entre outras, de modo que a arte é deixada de lado. Não me refiro à arte como uma maneira de se ensinar algo a crianças, pois acredito que, quando crianças, elas é que nos ensinam

<sup>13</sup> LOWENFELD, Viktor e BRITTAİN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: SP: Mestre Jou, 1977, p. 19.

<sup>14</sup> READ, Herbert. *A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte*. São Paulo: Summus, 1986, p.20.



muito sobre todas as coisas. Temos, sim, é que estar em contato com a criança, dando toda a atenção possível. Com isso, estaremos aptos a perceber o que ela nos pede, para que possamos proporcionar-lhe uma infância e adolescência ricas em experiências criadoras.

O processo criador artístico só é possível quando existe liberdade suficiente para que o indivíduo se expresse. Esse expressar-se se dá no ato de externar a sua maneira de ver tudo aquilo que se passa conosco, tudo o que acontece no mundo a nossa volta, nossa cultura, nossos hábitos, ou seja, é criar, inventar, recriar e reinventar. Crianças e adultos são diferentes, pois vêm o mundo de forma diferente e, por essa razão, como diz Read, não devem ser comparadas artisticamente.



**Fig. 9** Aluno (6 anos) durante trabalho

A arte da criança e a arte do adulto são fundamentalmente diferentes. Não pretendo aqui me prender na arte do adulto, pois que de certa forma na sociedade atual a maior parte das pessoas tem um conhecimento, por mais parco que venha a ser, sobre arte, mesmo que não a compreendam como um todo. O que me instiga é a arte da criança.

Em seu livro *Estética Máxima*, Fausto dos Santos nos diz que “arte é quase que a única coisa que a criança sabe fazer. Sabe, porque a deseja. Deseja aquilo que lhe falta. Lhe

falta muito, pois chegou há pouco.”<sup>15</sup>

É exatamente desta forma que coloco aqui a arte da criança. Por mais que no capítulo do livro o autor se refira à arte como maneira de um *não-comportamento*, pego como exemplo, por outro viés, a arte mesma da criança.

A criança vê na arte uma maneira de se expressar, para a criança “a arte pode constituir o equilíbrio necessário entre o intelecto e as emoções. Pode tornar-se como um apoio que procuram naturalmente – ainda que de modo inconsciente - cada vez que alguma coisa os aborrece; uma amiga à qual as crianças se dirigirão quando as palavras resultarem inadequadas”.<sup>16</sup>



**Fig. 10** Aluno (11 anos) durante confecção de fantoche



**Fig. 11** Aluna (5 anos) durante pintura do muro externo do CDE

Antes mesmo que possa falar a criança já é capaz de pegar um lápis e fazer rabiscos (as garatujas) em uma folha, como forma de se expressar. Ao pegar uma folha de papel e um lápis, a criança não está preocupada com o que os outros vão pensar do seu desenho, com o que quer representar. Sua arte só pode ser vista com relação a ela mesma e à sua etapa de evolução.

Em recente entrevista dada ao programa Jornal do Almoço, o escultor gaúcho Bez Batti diz:

<sup>15</sup> SANTOS, Fausto. *Estética Máxima*. Chapecó: Argos, 2003, p.35.

<sup>16</sup> LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte: um guia para os pais*. São Paulo: SP: Mestre Jou, 1977, p. 19.

“Eu jamais abandonei a minha infância. Aqui dentro de mim permanece aquele menino que até os 12 anos juntava pedras no rio. [...] Me parece que o desenho da criança no Brasil está padronizado. Eu acho muito triste. Pra fazer uma transformação, uma revolução no país, teria que todas as crianças freqüentarem uma Escolinha de Arte”.<sup>17</sup>

Ao entrar em uma Escolinha de Arte parecemos ultrapassar um portal mágico, onde o tempo pára para que se aproveite e aprecie cada minuto junto ao fantástico mundo de criação de uma criança, adolescente ou adulto. Lá eles são donos do seu tempo, decidem como e o que querem fazer em suas criações. Talvez seja nesse momento de sua criação que possamos senti-los mais intensos no seu processo de descoberta de si mesmo, pois ao desenhar a criança usa seu corpo e sua mente de maneira interligada, um não age



**Fig. 12** Detalhe de alunos trabalhando

sem o outro, ainda que não haja consciência. Esta mágica já não se faz mais presente na arte que se faz na escola.

A arte na escola sempre foi vista como uma atividade que “entrou pela porta dos fundos e, ainda assim, de maneira disfarçada. Teve ela de se disfarçar tanto que [...] deixou de ser arte”.<sup>18</sup> Passou, então, a ser uma atividade de lazer, uma maneira de *descansar* das atividades exaustivas que envolvem o pensar, o escrever, o calcular e o estudar. A arte que temos nas escolas é absolutamente – e por que não dizer, absurdamente – diferente da arte que se realiza nas Escolinhas e em outras instituições não-

formais de ensino. Por quê? Uma excelente pergunta a ser feita! Talvez por que os professores não estejam dispostos a comprar a briga que a arte merece que se compre, para que se cause a esperada revolução na sociedade que Bez Batti nos sugere em sua mensagem. Talvez por que em algum momento a arte deixou de ser usada como uma forma

<sup>17</sup> Entrevista do escultor Bez Batti ao Jornal do Almoço (02 de maio de 2008, na RBS TV), sobre sua exposição em cartaz no Museu de Arte do Rio Grande do Sul, com visitação de 17 de março a 18 de maio de 2008.

<sup>18</sup> DUARTE JUNIOR, João Francisco. *Por que Arte-Educação?* Campinas: Papyrus, 1988, p.78.

de expressão e virou um simples *laissez-faire*.<sup>19</sup>

O que vivenciamos na maioria das escolas em arte, é que, além de o professor da disciplina de arte (normalmente chamada de Educação Artística) raramente ter formação em arte, é o fato de as atividades serem, na maioria das vezes, extremamente dirigidas, fazendo com que o desenho fique realmente padronizado. Onde andará, a essa altura da nossa conversa, a maneira de se expressar de cada um? Onde andará aquela criança que pegava o lápis com dois anos e saía rabiscando sem pensar no que estava expressando, pelo prazer mesmo de expressar? A essa questão eu não saberia responder, pois que é necessário investigar onde foi – e por que é que foi – que a arte perdeu o seu valor junto aos desenhos das crianças. Desenhos esses que nos permitem muito mais do que um simples deleite ao visualizá-los. “O desenho infantil é objeto de estudo por parte de psicólogos, pedagogos, artistas, educadores. Existem mil teorias e interpretações a respeito da produção gráfica infantil, assim como vários enfoques possíveis quando ela é analisada [...]”.<sup>20</sup> Pode-se saber muito de uma criança pelos desenhos que faz. É possível através do acompanhamento de seu desenvolvimento que se falem coisas sobre sua maneira de ver a vida, seu cotidiano e até mesmo algumas de suas predileções.



**Fig. 13** Aluno (6 anos) durante trabalho de pintura

Em um ateliê de livre-expressão, como as Escolinhas, pode-se perceber um clima de criação pairando no ar. Mesmo que nem todos os alunos estejam com a *mão na massa*, suas cabecinhas estão fervilhando de idéias e pensamentos.

O ambiente é normalmente composto por mesas grandes, secadores para acomodar os trabalhos em andamento, cavaletes ou painéis para pintura, pastas para os trabalhos

<sup>19</sup> *Laissez-faire* é a contração da expressão em língua francesa *laissez faire, laissez aller, laissez passer*, que significa literalmente “deixai fazer, deixai ir, deixai passar”. Usa-se eventualmente a expressão *laissez-faire* para indicar o fazer pelo fazer, sem sentido algum. (fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Laissez\\_faire](http://pt.wikipedia.org/wiki/Laissez_faire)).

<sup>20</sup> DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho – desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Ed. Scipione, 1994, p.48.

tridimensionais, estantes para os bidimensionais, armários para acomodar os materiais. Além disso, muitos materiais, cumplicidade e respeito.

Neste ambiente de cumplicidade, há uma troca. O professor estimula e o aluno responde à sua maneira, assim se sente seguro no ambiente. Tanto é que, muitas vezes, ele não percebe alguém entrar na sala, ou alguém observando seu trabalho, porque essa segurança o faz mergulhar no seu processo de criação.

Nesse ambiente o papel do professor, como adulto que é e, de certa forma coordenador do espaço, é orientar as atividades. Este *orientar* não quer dizer que o professor deva dizer ao aluno o que fazer, mas sim, que deve ordenar o espaço e os materiais para que fiquem à disposição do aluno, facilitando o trânsito pela sala.

Sobre o papel do professor de arte, Valdir Sarubbi<sup>21</sup> afirma que:

o arte-educador deve ser uma pessoa intuitiva e ter uma capacidade muito grande de identificação com o adolescente [eu acrescento também, com a criança] e suas necessidades. O mais importante, no caso, é estar junto. Estar junto para acompanhar as descobertas e ajudar as crianças a se tornarem mais sensíveis aos estímulos do ambiente. É saudável que elas cresçam curiosas, desinibidas e que sejam capazes de trocar suas impressões com outras crianças<sup>22</sup>.

O arte-educador é figura essencial neste espaço, pois é ele quem ajuda os alunos a estabelecerem a relação existente entre eles e o ambiente que os cerca e, para que esta relação seja boa e favorável ao trabalho ele precisa estar apto a perceber as facilidades e dificuldades de cada criança. Fato este, que não é difícil para o professor de Escolinhas de Arte, pois as turmas costumam ter um número bem menor se comparadas às turmas de escolas formais. É observando atentamente os hábitos e o processo de trabalho de seus alunos que o professor é capaz de perceber as particularidades de cada um e, assim, pode ajudá-los a resolver suas dúvidas e ativar sua curiosidade.

Estímulo é quase uma palavra de ordem para o arte-educador. É preciso que ele acredite que todos os seus alunos são capazes, cada um com suas particularidades, dificuldades e facilidades; por esta razão o arte-educador não impõe uma atividade, ele no máximo sugere algumas coisas dentro de determinada atividade.

O professor de Escolinha permite e estimula a experimentação. Por que ele precisa

---

<sup>21</sup> Valdir Sarubbi é artista plástico e educador. Durante o ano de 1986 desenvolveu projeto de arte e educação como artista residente na Unicamp (Universidade de Campinas).

<sup>22</sup> SARUBBI, Valdir. Aprender é descobrir. **Fazendo Artes**, Rio de Janeiro, nº. 9, p. 12, 1986.

ensinar a seus alunos que misturar azul e amarelo resulta na cor verde, se eles podem pegar potes de tinta e *descobrir* a mistura? Eu, como professora bem sei a delícia de ouvir um: *olha profe, eu misturei azul e amarelo e ficou cor de grama, bem verdinho*. Por que tirar este prazer da descoberta?



**Fig. 14** Aluna (6 anos) durante trabalho de desenho

Se “desenhar é conhecer, é apropriar-se”<sup>23</sup>, é por isso que a criança desenha e cria, pela necessidade de conhecer melhor aquilo que desenha. Desta forma, uma criança raramente desenha algo que nunca tenha visto, algo de que não tenha conhecimento, pois precisa apreender esta forma para que possa assim conhecê-la. Teóricos como Florence de Meredieu, Jean Piaget, Viktor Lowenfeld, entre outros, se ocuparam em pesquisas e tiveram importante papel na construção do entendimento da produção gráfica infantil.

Toda criança, em todas as partes do mundo desenharam de maneira muito semelhante, passando pelas mesmas fases de desenvolvimento do grafismo, ao mesmo tempo em que seu desenvolvimento mental ocorre e o adulto, muitas vezes, tende a minimizar a arte da criança por se tratar de rabiscos intraduzíveis e cores em nada

---

<sup>23</sup> DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho – desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Ed. Scipione, 1994, p.24.

parecidas com a realidade. “O desenho é indecifrável para nós, mas provavelmente, para a criança, naquele instante, qualquer gesto, qualquer rabisco, [...], vem carregado de conteúdos e significações simbólicas.”<sup>24</sup>

Depois de se estudar e conhecer, por pouco que seja, o desenho e o bem indubitável que a arte para a criança eu me faço esta pergunta: “não me faça mais arte”?<sup>25</sup> Faça sim, por favor! Faça sempre, com a mesma intensidade, disposição e inocência de todos os tempos.

---

<sup>24</sup> DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho – desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Ed. Scipione, 1994, p.57.

<sup>25</sup> SANTOS, Fausto. *Estética Máxima*. Chapecó: Argos, 2003, p. 35.

## 4. QUESTÕES PARA PENSAR JUNTO

### 4.1. QUESTIONÁRIOS

Em função de tudo o que o presente trabalho apresenta, no período de março a outubro de 2008, foram feitos questionários com posterior análise qualitativa, com respostas escritas, com 26 pessoas, envolvendo pais de alunos e ex-alunos, estudantes de arte, professores das instituições, educadores, pessoas em geral e artistas. As questões foram



**Fig. 15** Alunos (3,5 anos) durante trabalho

elaboradas com o objetivo de saber o que cada um desses grupos pensa a respeito do trabalho realizado nessas instituições, a fim de relacionar o que pensam os teóricos e as pessoas diretamente envolvidas nas questões.

Os questionários contam com uma média de nove perguntas<sup>26</sup> e, dentre quais, foram feitas cinco *perguntas cerne* para responder o que sustenta a prática, com adaptações pertinentes a cada grupo a que se destinavam, são elas:

- Qual a importância de uma Escolinha de Arte?
- O que você pensa ser mais importante: o processo de desenvolvimento/aprendizado da criança/adolescente ou o produto resultante disso? Por quê?
- Você acha que a Escolinha/CDE tem bastante visibilidade na sociedade? Por favor, justifique sua resposta, seja negativa ou positiva.
- Para você, o que sustenta este trabalho realizado pela Escolinha/CDE depois de

<sup>26</sup> Os modelos das entrevistas estão em anexo.



mais de 40 anos de trabalho?

- Se a Escolinha/CDE fechasse suas portas hoje, como você, como educador/pai se sentiria?

As perguntas foram elaboradas, a partir do conhecimento sobre o trabalho dessas instituições e da pesquisa *in loco* sobre o histórico, as dificuldades enfrentadas e a filosofia de trabalho.

#### **4.1.1. Perfil dos Sujeitos da Pesquisa**

De acordo com os questionários aplicados aos sujeitos, foi possível retirar alguns dados que aqui trago a respeito dos sujeitos.

Das 26 pessoas ouvidas 11 são pais de alunos ou ex-alunos, 2 são professoras de Artes Visuais fora das instituições, 1 é produtor cultural e ator e os outros 12 são professores, ex-professores ou estagiários das instituições envolvidas. Dos professores, 9 estão há menos de 10 anos no trabalho, 7 são formados em Artes Plásticas, 2 em Arte Dramática, 1 em Pedagogia e 1 é funcionária pública da Secretaria da Justiça readaptada para uma das instituições.

Dos 11 pais, todos tem seus filhos na escola há mais de 8 meses, 7 deles levaram os filhos por indicação de amigos, 1 tomou conhecimento através de uma exposição, 1 através do Jornal da Universidade (UFRGS), 1 por ser ex-aluno e 1 por indicação da professora da escola do filho.

#### **4.2. ANÁLISE DA PESQUISA**

A análise dos resultados apontados por esta pesquisa, como já foi dito anteriormente, foi feita de forma qualitativa, através da análise dos questionários aplicados durante o desenvolvimento do trabalho.

A análise aqui apresentada foi construída a partir das cinco *perguntas base* e, para uma compreensão mais clara dos resultados obtidos, coloco-as aqui separadas, como forma

de subtítulo; e, no início de cada subtítulo, uma síntese que explica brevemente o que as questões abordadas enunciaram.

#### **4.2.1 Da Importância das Escolinhas de Arte: *espaço de criação, cumplicidade, alegria onde a criança/adolescente se expressa de forma livre***

Esta questão foi colocada aos sujeitos como forma de procurar entender de que maneira as diferentes pessoas envolvidas nessa pesquisa percebem o trabalho feito nessas duas instituições.

As Escolinhas de Arte são vistas como um local lúdico, onde a criança pode sentir-se ela mesma, onde é respeitada pela sua forma de ser e sua forma de ver o mundo.



**Fig. 16** Alunos (10 anos) durante trabalho de colagem e pintura

O trabalho realizado é considerado um trabalho sério, baseado na experiência de pedagogos e professores preocupados com o desenvolvimento do aluno como um todo, valorizando seu potencial criador. Apesar de muitas dificuldades, é um trabalho realizado com muito amor e dedicação por parte de seus profissionais.

Aos professores, cabe o papel de estimuladores, proporcionando o ambiente criador para o aluno, para que esse possa, então, vivenciar suas experiências e exercer sua liberdade de expressão. É uma relação mútua de troca, onde ganham professor e aluno, pois os dois ensinam e os dois aprendem, pois como diz Paulo Freire em sua *Pedagogia da autonomia*, “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”<sup>27</sup>. Isso faz com que a criança se sinta segura e deseje permanecer neste espaço muito mais tempo que no espaço da escola formal.

<sup>27</sup> FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 23.

Os sujeitos apontam que nos nossos dias atuais, a maioria das escolas formais não oferece um programa de ensino consistente na área de Arte e as Escolinhas, desta forma,



**Fig.17** Alunos (5-7 anos) durante trabalho de pintura coletiva

são apontadas como uma complementação importante na educação das crianças e adolescentes, pois suprem as necessidades de criar, pintar, desenhar, modelar, experimentar, sem padrões estéticos pré-estabelecidos. Por esta razão, muitas professoras que atuam em escolas que não possuem salas de artes – e até mesmo outras que possuem – indicam aos pais que

levem os alunos para este espaço. Tal indicação acontece com a finalidade de colaborar um pouco mais na formação integral do aluno, para que este possa se tornar um cidadão mais sensível e interessado pelo mundo que o cerca.

#### **4.2.2. Do Processo de Aprendizagem e Produto Resultante: *a caminhada é tão rica quanto chegar ao seu destino.***

A questão sobre processo de aprendizagem e produto resultante deste processo foi escolhida, por ser um dos temas de constante discussão em Arte-Educação em relação à criação visual.

O processo de aprendizagem é o momento em que ocorrem as dúvidas, as descobertas, é neste momento que, mesmo sem perceber,



**Fig. 18** Alunos (10 anos) durante trabalho com sucata

a criança/adolescente/adulto mostra o quanto está crescendo, evoluindo e, assim, fornece ao seu professor subsídios para que ele saiba instigá-lo cada vez mais.

De forma alguma o produto resultante deste processo pode ser descartado. Segundo os participantes da pesquisa, no tipo de trabalho realizado pelas Escolinhas o produto funciona como uma espécie de mapeamento para ver em que ponto do caminho o aluno está e o que pode ser feito para ajudá-lo a melhorar dentro de suas capacidades, facilidades e limitações, visto que cada ser é único.



**Fig. 19** Detalhe da exposição anual da Escolinha de Arte da UFRGS (2008)

Como forma de dar certa visibilidade ao processo, tanto a Escolinha da UFRGS como o CDE realizam exposições anuais com o objetivo de valorizar o trabalho que é feito pelos alunos durante o ano. Há alguns anos a Escolinha realiza sua exposição na sala de exposições do Planetário, gentilmente cedida pela Administração deste, desde 2000

(com exceção dos anos de 2003 e 2004, que a exposição aconteceu no Museu de Comunicação Hipólito José da Costa, também em Porto Alegre), já o CDE, realiza suas exposições no espaço das salas de aula de cada turma.

#### **4.2.3. Da Visibilidade: *desconhecidas de uma grande parcela da sociedade***

A questão da grande dificuldade em circular pelos meios de comunicação foi feita para que se pudesse buscar formas de entender o que pensam os sujeitos a respeito desta pergunta e procurar alternativas para uma inserção destas Escolinhas na mídia e no conhecimento do público em geral.

Numa sociedade onde a arte é tratada em segundo plano, não é difícil entender o fato dessas instituições não estarem na mídia. E não é por falta de tentativa. Muitos são os contatos que os profissionais que lá trabalham tentam estabelecer com

canais de televisão, jornais, rádios, com a finalidade de fazer uma divulgação do trabalho realizado. Vez ou outra consegue-se ser chamado para uma entrevista sobre o trabalho.

Apesar disto, neste ano de 2008, tanto o CDE quanto a Escolinha de Arte, participaram de entrevistas em programas na TVE, e conseguiram alguma nota pequena no jornal apenas para divulgação de suas exposições.



**Fig. 20** Logotipo dos Programas Radar, Estação Cultura e Pandorga, da TVE

A análise aponta que pertencer a uma escola de arte de ensino livre é um diferencial, mas que o CDE e a Escolinha possuem pouca visibilidade na sociedade, e esta visibilidade é em grande parte, junto ao meio artístico de Porto Alegre (artistas plásticos, atores, pessoas envolvidas com a área da cultura) e também junto a ex-alunos e ex-professores.

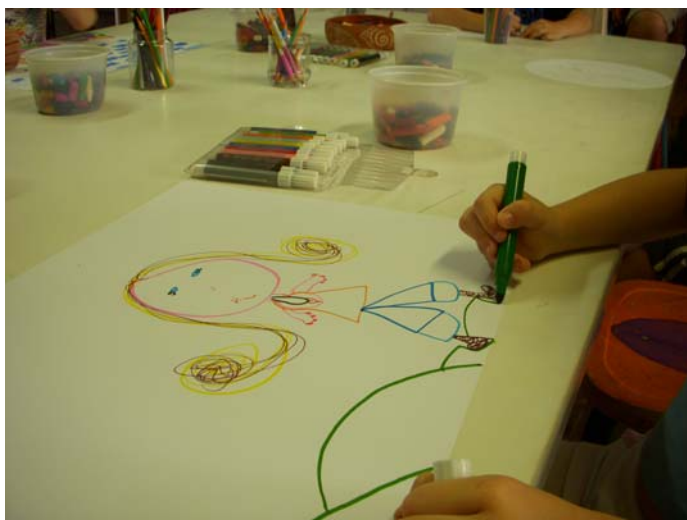
Além da pouca visibilidade, não é dado ao trabalho, o valor e crédito que merece, mesmo quando um artista cita a importância das Escolinhas em jornal local de boa audiência<sup>28</sup>. Os professores apontam que a filosofia do trabalho não tem conseguido se mostrar como um produto interessante para a sociedade, justamente pelo fato de ser um ensino livre, respeitando a criação de cada indivíduo. Com o tempo esta filosofia foi perdendo sua força, talvez pela pouca inserção academia, como muitas vezes afirmado pela orientadora deste trabalho, e por esta razão é preciso colocá-lo em foco novamente.

A análise mostra que principalmente entre os pais e demais profissionais, há uma grande incongruência com a realidade, que é a de que aos poucos as instituições estão conseguindo se inserir na mídia. A razão para tão fato, não tenho condições de saber. Talvez essa aceção aconteça pelo o fato de os programas serem em um canal que não é hábito de todos assistirem e os jornais onde o trabalho foi divulgado serem pouco conhecidos.

<sup>28</sup> Entrevista do escultor Bez Batti ao Jornal do Almoço, op.cit., p.26

#### 4.2.4. Do Que Sustenta o Trabalho das Escolinhas: *são grandes escolas para professores, pais, alunos*

Desde a década de 60, o CDE e a Escolinha de Arte da UFRGS vêm realizando seu trabalho com o objetivo de ajudar a tornar os seres humanos mais sensíveis, mais plenos de si mesmos.



**Fig. 21** Aluna (6 anos) durante trabalho de desenho

Nos caminhos traçados pelas duas instituições ao longo dos anos, muitas foram – e ainda são – as dificuldades encontradas, mas existe algo mais forte que as dificuldades, que sustenta essas instituições há mais de 45 anos trabalhando.

Tal força se encontra no amor pela arte, no olhar especial dedicado às pessoas, em especial às crianças e aos adolescentes, assim

como o respeito à sua individualidade. Estes são alguns dos fatores que mantêm essas instituições em atividade.

Do ponto de vista dos pais, a proposta de trabalho respeitando a individualidade dos ex-alunos, a dedicação dos professores e profissionais envolvidos, os ex- alunos que por lá passaram e levam seus filhos ou indicam a outras pessoas são outros pontos importantes para a sustentação das Escolinhas.

Os professores reconhecem que o trabalho é feito com muita dedicação, carinho, amor e respeito aos alunos. É preciso que exista afeto entre professor e aluno, pois assim como foi colocado pelos pais, muitos levam seus filhos ou indicam a familiares, conhecidos, mas para que isso aconteça é preciso perceber que o trabalho é sério, dedicado e baseado em uma filosofia que, para muitos, é um projeto de vida, contribuindo para formar indivíduos mais criativos, sensíveis e felizes.

#### **4.2.5. Do fechamento das Escolinhas: *tenho certeza que cada semente que se plantar em cada criança que participa dessa escola ajudaria o mundo a ser bem melhor***

Mesmo depois de mais de 45 anos de trabalho, as Escolinhas são enunciadas como um espaço de criação, de incentivo e de liberdade artística para as pessoas que responderam aos questionários. Com os entraves enfrentados ao longo dos anos, motivo de muitas Escolinhas de Arte fecharem suas portas por todo o Brasil, acaba se tornando inevitável supor o fim dessas instituições e, por esta razão, esta questão foi colocada aos sujeitos participantes.

No caso de um provável fechamento das instituições, os sentimentos dos participantes desta pesquisa são muito diversos: chateação, responsabilidade, frustração, tristeza, decepção, fúria, perda. Muitos apontam o fato de que o trabalho não morre, pois muitas sementes já foram plantadas. No caso de uma destas duas instituições fecharem os pais e alguns professores colocam que procurariam outro local onde pudessem realizar ou usufruir do mesmo trabalho ou de trabalho semelhante.

Trago o trecho de uma das entrevistas: *me sentiria em luto por uma ideologia que se perdeu no tempo, incompreendida por cabeças que pensam demais e pouco fazem, o fazer nos leva a tecer caminhos, amadurecer dores, construir, reconstruir, formar nossa essência, nossa alma, nosso ser.*

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo da pesquisa apresentada, as Escolinhas de Arte surgem na educação brasileira com o objetivo de ajudar a tornar o ser humano mais completo, sensível e capaz de respeitar o outro. Nas escolas atualmente, a arte muitas vezes tem sido, tratada como secundária e sem a importância que merece, esquecendo que é da natureza humana o ato de se expressar.

Considerando o que foi apontado pelos questionários, as Escolinhas são locais onde se vive intensamente este processo de expressão e criação e isso não pode ser deixado de lado. É preciso reconhecimento, é preciso disposição e boa vontade das pessoas que trabalham com arte, com educação e com a mídia, para que este trabalho possa ser mais conhecido pelas pessoas e, desta forma, passe a ter a importância que merece dentro da educação das crianças e adolescentes.

Trata-se de um trabalho que funciona como uma complementação à educação escolar e ao ensino formal, o qual tem se preocupado muito com o pensar e tem deixado de lado o sentir, o relacionar-se e o expressar-se.

É essencial o apoio dos pais e dos professores nesta tarefa, pois são eles os maiores interessados nessa batalha pela educação. Uns buscam o melhor para seus filhos, outros buscam o melhor para aqueles que acreditam ser os homens que cuidarão do nosso mundo no futuro.

Para que o ideal e a prática das Escolinhas não fiquem esquecidos no tempo é preciso garra, é preciso acreditar que o mundo pode ser melhor, pode ser mais colorido, mais vivo, mais sensível, mais expressivo. Basta acreditarmos que não vamos deixar morrer o sonho, a liberdade de expressão e a criança eterna que vive dentro de todos nós.



## REFERÊNCIAS

### • Livros

BRITTAIN, W. Lambert; LOWENFELD, Viktor. *A criança e sua arte: um guia para os pais*. Tradução de Miguel Maillat. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

DERDYK, Edith. *Formas de pensar o desenho – desenvolvimento do grafismo infantil*. São Paulo: Ed. Scipione, 1994.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *Por que arte-educação?* Campinas: Papyrus, 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, s/a.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

INEPE. *Escolinha de arte do Brasil*. Brasília: Escolinha de Arte do Brasil, 1980.

LOWENFELD, Viktor. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. Tradução de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

READ, Herbert. *A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte*. Tradução de Fernando Nuno. São Paulo: Summus, 1986.

SANTOS, Fausto. *Estética Máxima*. Chapecó: Argos, 2003.

### • Revista

CDE 30 ANOS. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 1990.

- **Periódicos**

SARUBBI, Valdir. Aprender é descobrir. *Fazendo Artes*, Rio de Janeiro, nº. 9, p. 12, 1986.

VARELA, Noêmia. Movimento Escolinhas de Arte. *Fazendo Artes*, Rio de Janeiro, nº 13, 1988.

- **Programa de televisão**

Entrevista. *Jornal do Almoço*. Porto Alegre: RBS TV, 02 de maio de 2008. Programa de TV. Vídeo disponível em:

<<http://mediacenter.clicrbs.com.br/templates/player.aspx?uf=1&contentID=20807&channel=45>>, acesso em maio de 2008.

- **Documento eletrônico**

Imagem Augusto Rodrigues:

<[http://img.mercadolivre.com.br/jm/img?s=MLB&f=79033573\\_8604.jpg&v=P](http://img.mercadolivre.com.br/jm/img?s=MLB&f=79033573_8604.jpg&v=P)>, acesso em outubro de 2008.

**ANEXOS**

## **ANEXO I – Carta da prof<sup>a</sup> Iara Rodrigues sobre saída da Escolinha do prédio do Instituto de Artes**

---

### **CARTA ABERTA AOS PROFESSORES E ALUNOS DO INSTITUTO DE ARTES<sup>29</sup>**

A Escolinha de Arte da Associação Cultural dos Ex-Alunos do Instituto de Artes da UFRGS, no momento em que entrega oficialmente o espaço físico que ocupou ao longo desses 34 anos, não pode deixar de registrar sua inconformidade com os acontecimentos ocorridos em março último, quando a direção do Instituto de Artes fechou suas portas para os alunos da Escolinha, impedindo as crianças e adolescentes de reiniciarem suas aulas neste primeiro semestre letivo.

Impossível entender que essa atitude tenha vindo de um ex-professor da Escolinha. Impossível admitir que 10 anos de trabalho criador com crianças e jovens da Escolinha não o tenham marcado.

Porque o professor Pasquetti, durante todo aquele tempo, viveu intensamente essa experiência singular. Sua participação trouxe inovações que enriqueceram o trabalho da Escolinha, e que até hoje são lembradas por seus ex-colegas e seus ex-alunos.

O professor Pasquetti não foi uma pessoa qualquer na Escolinha.

O lamentável, agora se sabe, é que ele faça parte de uma minoria que não quis ou não conseguiu incorporar na sua vida o sentido filosófico do trabalho que ali desenvolveu.

Mais triste é saber que, dentre os muitos amigos e colaboradores com que a Escolinha pode contar, hoje, não esteja o professor Pasquetti.

É bem verdade que nem todos os que passam pelas Escolinhas de Arte conseguem captar seu espírito e a sua dimensão.

Com o pedido da direção do Instituto para a desocupação da Escolinha, intensificaram-se os contatos com os setores administrativos da Reitoria, que sempre se mostraram acessíveis e interessados na busca de uma solução para seus problemas de estrutura e de espaço físico.

---

<sup>29</sup> Carta enviada por Iara de Mattos Rodrigues ao Instituto de Artes quando da transferência da Escolinha de Arte do prédio do Instituto para a Escola Técnica da UFRGS no ano de 1995.

Ficou acertado, então, o empréstimo, em caráter emergencial, de duas salas de aula na Escola Técnica de Comércio da UFRGS, com a mudança prevista para abril. Assim, os alunos da Escolinha, já matriculados em dezembro, sofreriam tão somente uma transferência de local, e não uma quebra no desenvolvimento do trabalho que vinha sendo realizado.

As crianças não puderam compreender o que aconteceu quando tentaram retornar às suas aulas e viram-se impedidas de entrar no prédio.

A Escolinha, desde há muito, almeja um local mais espaçoso e mais seguro, compatível com o crescimento de sua experiência e desejo de poder ampliar sua prestação de serviços.

A Escolinha não está – apenas e simplesmente – no Instituto de Artes há 34 anos. Ela nasceu nesta casa, a 15 de setembro de 1960. Faz parte da história do Instituto e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Foi fundada sob a inspiração dos artistas e professores Alice Soares, Fernando Corona, Ângelo Guido, Cristina Balbão, Ado Malagoli, Alice Brueggemann, Lygia Rothmann, Leda Flores e Rubens Cabral, todos pessoas de expressão na vida cultural e artística da Universidade.

A Escolinha vem, desde sua fundação, funcionando na pequena cobertura do prédio anexo ao Instituto, espaço este cedido por seu então diretor, professor Ângelo Guido.

Pensavam seus criadores em instituir um núcleo de apoio ao Movimento Mundial de Arte-Educação, iniciado em nosso país por Augusto Rodrigues na Escolinha de Arte do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1948.

No setor da Música, no Instituto, já havia um trabalho de sensibilização e musicalidade. A grande maioria dos alunos era de 1º e 2º graus. Havia o curso de Iniciação Musical, a partir dos 6 anos, e o curso Fundamental, de instrumentos, para adolescentes.

Até 1965 as atividades da Escolinha de Arte giram em função de crianças e adolescentes. Nesse mesmo ano, encaminha proposta para ser integrada aos Instituto de Artes, como um Laboratório de Arte-Educação, destinado prioritariamente aos cursos de Professorado.

A Escolinha, desde o começo, manteve sempre um intenso convívio com os alunos

do Instituto. Eles começaram a chegar para saber o que se fazia, observavam as aulas, solicitavam informações sobre a linha filosófica do trabalho ali desenvolvido. Surgiram, desse modo, os primeiros cursos para atender a seus anseios e necessidades profissionais.

Firmou-se, então, a partir de 1972, um Convênio entre a UFRGS e a Associação Cultural dos Ex-Alunos, em que caberia à Escolinha ministrar cursos intensivos de Arte-Educação, com a duração de um semestre, para alunos das três áreas: Música, Artes Cênicas e Artes Visuais. Em contrapartida, a Universidade assegurava o espaço físico ocupado pela Escolinha. Esse Convênio encontra-se em vigor até hoje.

Nesse tempo todo, e paralelo aos seus cursos para adultos, a Escolinha promoveu exposições anuais de seus alunos, de cunho didático-pedagógico, foi chamada a coordenar o Módulo Infanto-Juvenil, durante as Programações de Férias do Centro Cultural da UFRGS, participou de inúmeras palestras, encontros e seminários em todo país, divulgando e consolidando sua experiência. Com isso, obteve o reconhecimento nacional de seu trabalho.

É dessa forma que a Escolinha deixa o Instituto de Artes da UFRGS.

Sai, no entanto, fortalecida e recompensada, porque sempre contou com a presença e o apoio dos alunos de Bacharelado e Licenciatura desta casa; e agora, mais do que nunca, culminando com 760 assinaturas que foram entregues por eles ao senhor Reitor, reivindicando uma solução mais eficaz e imediata para os problemas prementes da Escolinha, a fim de que ela continue cumprindo seu destino.

Iara de Mattos Rodrigues

Diretora

## ANEXO II – Questionários aplicados

---

### QUESTIONÁRIOS ENVIADOS AOS SUJEITOS DA PESQUISA

#### *Perguntas dirigidas aos pais:*

- Como você tomou conhecimento da Escolinha/CDE?
- Como você vê o trabalho realizado pela instituição?
- Por que resolveu matricular seu/sua filho/filha na Escolinha/CDE? Há quanto tempo ele/ela frequenta a instituição?
- Você percebe alguma(s) mudança(s) no/na seu/sua filho/filha desde que começou a frequentar a Escolinha/CDE? Que tipo de mudança(s)?
- De que maneira você vê a relação do/da seu/sua filho/filha com a Escolinha/CDE? E com o/a professor/professora dele?
- O que você, como pai, pensa ser mais importante: o processo de desenvolvimento/aprendizado do/da seu/sua filho/filha ou o produto resultante disso? Por quê?
- Você acha que a Escolinha/CDE tem bastante visibilidade na sociedade? Por favor, comente sua resposta, seja negativa ou positiva.
- Para você, o que sustenta este trabalho realizado pela Escolinha/CDE depois de mais de 40 anos de trabalho?
- Se a Escolinha/CDE fechasse suas portas hoje, como você, pai/mãe se sentiria?

#### *Perguntas dirigidas aos professores, estagiários e ex-professores:*

- De que maneira você chegou até a Escolinha/CDE? Há quanto tempo trabalha ou durante quanto tempo trabalhou?
- Qual a importância de uma Escolinha de Arte?
- Qual a importância e o papel do professor num ateliê de livre-expressão?

- Existe/existiu algo que te faz/fez pensar em desistir deste trabalho?
- Como educador o que você pensa ser mais importante: o processo de desenvolvimento/aprendizado da criança/adolescente ou o produto resultante disso? Por quê?
- Como você vê a relação do educador com o aluno?
- Você acha que a Escolinha/CDE tem bastante visibilidade na sociedade? Por favor, comente sua resposta, seja negativa ou positiva.
- Para você, o que sustenta este trabalho realizado pela Escolinha/CDE depois de mais de 40 anos de trabalho?
- Se a Escolinha/CDE fechasse suas portas hoje, como você, educador se sentiria?

*Perguntas dirigidas a educadores, estudantes e demais pessoas da população*

- Você conhece o movimento das Escolinhas de Arte?
- Você sabia que em Porto Alegre existem a Escolinha de Arte da UFRGS e o Centro de desenvolvimento da Expressão, que realizam este trabalho?
- Como você vê o trabalho realizado pelas instituições?
- Qual você pensa ser a importância de uma Escolinha de Arte?
- O que você pensa ser mais importante: o processo de desenvolvimento/aprendizado da criança/adolescente ou o produto resultante disso? Por quê?
- Como você vê a relação do educador com o aluno?
- Você acha que a Escolinha/CDE tem bastante visibilidade na sociedade? Por favor, comente sua resposta, seja negativa ou positiva.
- Para você, o que sustenta este trabalho realizado pela Escolinha/CDE depois de mais de 40 anos de trabalho?
- Se a Escolinha/CDE fechasse suas portas hoje, como você se sentiria?



### ANEXO III – Tabulação qualitativa dos enunciados extraídos dos questionários

#### 1. Pais de alunos e ex-alunos

<b>Pergunta</b>	<b>Principais conceitos apontados</b>
1. Como você tomou conhecimento da Escolinha/CDE?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* indicação de um conhecido (outros pais, colega do marido, amiga dos pais, ex-estagiária, professora da escola.</li> <li>* a Escolinha através de uma exposição no Museu de Comunicação Social e o CDE por um programa de televisão.</li> <li>* através do Jornal da Universidade (UFRGS)</li> <li>* sou filho de ex-aluna, conheço há mais de 30 anos.</li> </ul>
2. Como você vê o trabalho realizado pela instituição?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* grande importância, espaço rico em possibilidades.</li> <li>* o contato e as experiências artísticas enriquecem a formação das crianças.</li> <li>* muito bom.</li> <li>* importante porque investe na liberdade de criação sem preocupação com padrões estéticos pré-estabelecidos.</li> <li>* trabalho de qualidade e responsabilidade.</li> <li>* oportunidade para exercitar o lado lúdico das crianças.</li> <li>* possibilita a descoberta de novas habilidades.</li> <li>* preocupado com a difusão da arte como conhecimento.</li> <li>* representa um complemento importante na educação dos alunos que já não contam com um programa de ensino artístico consistente nas escolas.</li> </ul>
3. Por que resolveu matricular seu/sua filho/filha na Escolinha/CDE? Há quanto tempo ele/ela frequenta/freqüentou a instituição?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* por indicação. Filha mais velha frequenta 7 anos e a mais nova frequenta há 2 anos.</li> <li>* para desenvolver habilidades artísticas. A mais velha frequenta há 4 anos e o mais novo há 1 ano.</li> <li>* percebi nele um impulso criador, ele precisava de um tempo dedicado a explorar a vontade de ilustrar o mundo. Está no CDE há um ano e meio.</li> <li>* estava procurando atividade diferenciada para minha filha, frequenta desde março de 2008.</li> <li>* ele naturalmente expressou a vontade de trabalhar com arte, frequenta a Escolinha há 8 meses.</li> <li>* por ser uma opção diferenciada e auxilia na</li> </ul>

	<p>sociabilidade. Frequenta há 2 anos.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>* porque ele gosta muito de desenhar. Frequentou 2 anos.</li> <li>* por entender a livre-expressão artística, seu conhecimento e desenvolvimento de uma riqueza para a vida de cada um. Dois filhos frequentam há mais de 2 anos.</li> <li>* boas referências da escola.</li> <li>* Artes é muito bom, minha filha frequenta há 1 ano.</li> <li>* indicação da avó (ex-aluna e atual professora), frequenta há 1 ano.</li> </ul>
<p>4. Você percebe alguma(s) mudança(s) no/na seu/sua filho/filha desde que começou a frequentar a Escolinha/CDE? Que tipo de mudança(s)?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* o convívio em grupo com diversidade trouxe maior autonomia, aceitação do outro e o trabalho artístico maior liberdade de expressão, criatividade e segurança.</li> <li>* maior concentração.</li> <li>* se interessa mais pelo acabamento dos trabalhos que faz.</li> <li>* mais criativa.</li> <li>* melhora nas habilidades manuais.</li> <li>* mais interessada e motivada em atividades extra-curriculares.</li> <li>* sinceramente não.</li> <li>* na percepção das coisas, não só para a arte, mas para o conhecimento em geral.</li> <li>* se tornou mais sensível e expressa aquilo que vivência.</li> <li>* se sentir capaz de desenhar o que quer e gosta, experimentar artes de diferentes maneiras.</li> </ul>
<p>5. De que maneira você vê a relação de seu/sua filho/filha com a Escolinha/CDE? E com o/a professor/professora dele/dela?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* uma relação de muito carinho muito grande.</li> <li>* filhos mais adaptados ao ambiente e com vontade de retornar sempre.</li> <li>* tem apego pelo espaço como um todo. Com as professoras há grande entrosamento, considera-as mais próximas que as da escola.</li> <li>* gosta muito da escola.</li> <li>* pede para vir outros dias além do seu.</li> <li>* boa relação com a professora.</li> <li>* boa, mas às vezes penso que se isola do processo e há um olhar diferenciado do professor.</li> <li>* vejo de forma bastante positiva e também com a família.</li> <li>* muito carinhosa, é importante para as crianças se sentirem seguras no ambiente.</li> <li>* muito harmoniosa, minha filha gosta de frequentar a escola e tem muito carinho pelas professoras.</li> <li>* ele adorava, foram momentos ricos e de muita</li> </ul>

	troca que vão ficar na lembrança pra sempre.
6. O que você como pai pensa ser mais importante: o processo de desenvolvimento/aprendizagem do/da seu/sua filho/filha ou o produto resultante disso? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* processo: a caminhada é tão rica quanto chegar ao seu destino.</li> <li>* processo: reflete o crescimento e a evolução.</li> <li>* processo: a arte nunca se esgota e o conhecimento deve ser exercitado constantemente</li> <li>* valorizo também o resultado, mas estamos sempre em processo.</li> <li>* processo: ele irá ajudar no desenvolvimento da personalidade da criança, nas formas pelas quais ela irá se relacionar com o mundo que a cerca.</li> </ul>
7. Você acha que a Escolinha tem bastante visibilidade na sociedade? Por favor, justifique sua resposta, seja negativa ou positiva.	<ul style="list-style-type: none"> <li>* na sociedade de uma forma geral não, mas no meio artístico sim.</li> <li>* pouca visibilidade.</li> <li>* poucas pessoas conhecem.</li> <li>* pouco aproveitado pelas pessoas.</li> <li>* divulgação “de boca em boca”.</li> <li>* difícil encontrar o telefone.</li> <li>* deveria ser mais difundido e valorizado.</li> <li>* deveriam investir mais em uma parceria com as escolas para divulgar a existência das Escolinhas.</li> </ul>
8. Para você, o que sustenta este trabalho realizado pela Escolinha/CDE depois de mais de 40 anos de trabalho?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* o amor pela arte é o que mantém o CDE em pé. É uma grande escola para professores, pais e alunos.</li> <li>* a dedicação dos profissionais.</li> <li>* o acolhimento, respeitando a individualidade dos alunos.</li> <li>* a proposta de trabalho.</li> <li>* um olhar especial às pessoas, às crianças e adolescentes.</li> <li>* secretaria da educação ou algum órgão federal e pelos pais que pagam a mensalidade.</li> <li>* a paixão.</li> </ul>
9. Se a Escolinha/CDE fechasse suas portas hoje, como você, como pai/mãe se sentiria?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* me sentiria órfã, Porto Alegre não pode perder esse espaço de criação, incentivo e liberdade artística.</li> <li>* chateada, pois é um trabalho muito bom com custo acessível para a população.</li> <li>* desamparada, é um espaço único.</li> <li>* procuraria outro lugar com trabalho similar.</li> <li>* sentiria grande perda, pois é um espaço onde as crianças podem exercer a arte e a criatividade.</li> <li>* lastimosa, é importante poder usufruir deste espaço incentivando a permanência entre crianças e adultos e o olhar para a arte.</li> <li>* me faria falta, para meus filhos em especial.</li> <li>* ficaria triste porque tenho certeza que cada semente que se plantar em cada criança que participa dessa escola o mundo seria bem melhor.</li> </ul>

	* seria uma grande perda para a educação, não creio que exista substituição para o trabalho das Escolinhas de arte.
--	---

**\* Críticas:**

- penso que algumas idéias deveriam ser repensadas, não acredito que as crianças não tenham um auxílio de um professor para evoluir em suas produções e talvez os professores e direção devessem discutir mais sobre que tipo de intervenções e outras propostas poderiam enriquecer as aulas. Visita a museus com seus professores, discutir arte contemporânea.

**2. Professores, ex-professores e estagiários**

Pergunta	Principais conceitos apontados	
	Mais de 10 anos de trabalho	Menos de 10 anos de trabalho
1. De que maneira você chegou até a Escolinha/CDE? Há quanto tempo trabalha/trabalhou?	<p>* conheci a Escolinha através do Curso Intensivo de Arte-Educação (CIAE). Trabalho há 26 anos</p> <p>* meu contato foi através do CIAE quando ainda estava na faculdade, mas no CDE estou desde 1198 como professora do CIAE e como diretora desde 2005</p> <p>* está no CDE desde 1992</p> <p>* trabalhou na Escolinha de 1962 a 1973, interrompeu e retornou em 1988 e se mantém até hoje, conheceu na faculdade.</p>	<p>* a Escolinha desde pequeno, minha mãe era artista plástica, o CDE conheci através do Instituto de Artes. Trabalhei no CDE de 94 à 96.</p> <p>* conheço o trabalho da Escolinha desde sua criação, alguns professores foram meus professores de faculdade. Trabalho desde 2006.</p> <p>* ex-aluno do CDE, fez estágio na Escolinha (quando no IA), trabalhou por 5 anos, interrompeu e está desde 2006.</p> <p>* por indicação de uma ex-professora. Trabalha há 9 anos.</p> <p>* através do CIAE em 2003, é estagiária desde junho de 2008.</p> <p>* conheci através de uma amiga em 1998, trabalha desde 2006 como contratada e no ano de 2005 como estagiária.</p> <p>* CIAE, está há 7 anos.</p> <p>* é servidora pública readaptada no CDE há 8 anos.</p>
2. Qual a importância de uma Escolinha de Arte?	* espaço para experienciar técnicas, sentimentos,	* as Escolinhas são um instrumento de desconstrução

	<p>expressões, criatividade, silêncios sem cobrança de resultados.</p> <p>*o indivíduo pode sentir-se ele mesmo.</p> <p>* vejo com muita seriedade, empenho e idealismo, apesar das dificuldades.</p>	<p>criativa em tempos de ordens.</p> <p>* o espaço oferece a cada criança oportunidade de criarem seus próprios objetivos, respeitando tempo e individualidade de cada um.</p> <p>* a idéia é que as pessoas sejam autoras do seu próprio processo de crescimento.</p> <p>* a livre-expressão se desencadeia e se forma na criança e no grupo.</p> <p>* espaço de criação, cumplicidade, alegria onde a criança/adolescente se expressa de forma livre.</p> <p>* a escola formal não dá o devido espaço para o fazer.</p> <p>* as Escolinhas tem sido a alternativa para quem entende a arte como um caminho/experiência importante ao desenvolvimento humano.</p> <p>* proporcionar o convívio com diversos tipos de expressão.</p>
<p>3. Qual a importância e o papel do professor num ateliê de livre-expressão?</p>	<p>* ser indivíduo sensível, disposto a despertar as qualidades do aluno e deixá-lo livre para experimentar.</p> <p>* estabelecer limites de convivência social em relação ao grupo</p> <p>* jamais interferir na forma de expressão do aluno</p> <p>* preparar os alunos para as descobertas</p> <p>* cuidar do material da aula e do bom uso dele</p>	<p>* desafiar, questionar, instigar e incentivar.</p> <p>* estimular o pensamento autônomo do aluno.</p> <p>* tornar as coisas “pensáveis”.</p> <p>* o educador deve agir com cautela, conhecer as etapas gráficas para se orientar e estimular o aluno.</p> <p>* o educador deve se ferramentar para as novas tecnologias (internet, celular, etc.) e linguagens.</p> <p>* o educador deve proporcionar um ambiente criador onde o aluno se sinta amado</p> <p>* o aluno precisa se sentir único e ao mesmo tempo parte de um grupo.</p> <p>* o educador deve respeitar o ritmo de cada aluno.</p> <p>* o educador deve manter a ordem e deixar claro os limites comportamentais.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>* o professor é um apoiador na pesquisa do educando.</li> <li>* não vejo o professor apenas como um facilitador, sem a função de interferir na sua construção.</li> <li>* a livre-expressão só pode acontecer a partir de regras que são dadas pelo professor.</li> <li>* ser um agente transformador.</li> </ul>
4. Existe/existiu algo que te fez/faz pensar em desistir deste trabalho?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* em nenhum momento, incorporei a filosofia a todas as áreas da minha vida.</li> <li>* sim, o desconhecimento do papel da arte na educação resulta na desvalorização do arte-educador no ensino formal e é arriscado trabalhar na informalidade.</li> <li>* jamais, se podemos abrir caminhos para alguém, é minha obrigação proporcionar ambiente para que isso aconteça.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* saiu para lecionar na universidade com público adulto</li> <li>* possibilidade salarial e carreira oferecida pela universidade.</li> <li>* desistir do trabalho significa negar a minha experiência em educação.</li> <li>* o professor precisa ser um apaixonado pela causa.</li> <li>* sim, por raras vezes, mas o trabalho é apaixonante e real.</li> <li>* sim, a falta de respeito e o descaso, próprios do desconhecimento da filosofia da Escolinha, da UFRGS e do IA.</li> <li>* não.</li> <li>* da arte-educação não, mas de trabalhar na instituição (CDE) sim.</li> <li>* sim.</li> </ul>
5. Como educador o que você pensa ser mais importante: o processo de desenvolvimento/aprendizagem da criança/adolescente ou o produto resultante disso? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* o processo. É muito sutil.</li> <li>* a qualidade lúdica do processo é vital ao desenvolvimento.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* o produto não pode ser menos prezado.</li> <li>* o processo.</li> <li>* é onde encontramos os instrumentos da criação.</li> <li>* a criança expressa uma leitura do mundo através do desabrochar de um imaginário pessoal.</li> <li>* o produto serve como um mapeamento.</li> <li>* o professor deve estar aberto para o processo que se efetiva corpo a corpo com o aluno na sala de aula.</li> <li>* em arte-educação não se quer formar artistas e sim educar para a cidadania, para a vida.</li> <li>* considero fundamental que o resultado final seja satisfatório</li> </ul>

<p>6. Como você vê a relação do educador com o aluno?</p>	<p>* é um processo de confiança, paciência, tolerância e afeto.          * o professor deve conhecer o aluno para ajudá-lo a realizar-se de forma criativa.          * a principal característica do professor de arte é o desafio e a paixão pelo que faz, tornando-se um espelho para o aluno.          * é um processo de influências recíprocas.          * o professor deve saber escutar e acreditar nas possibilidades criativas do aluno.</p>	<p>para o aluno.          * competência, carinho e acessibilidade.          * instigam a curiosidade e a vontade de produzir.          * o aluno estar lá por vontade própria facilita o trabalho.          * o educador cria a possibilidade de se relacionar de forma sensível e integral com as diferentes formas de expressar da criança.          * o educador deve descobrir o seu processo criativo e ao mesmo tempo acompanhar o processo da criança.          * o professor precisa entender que suas representações visuais influem no modo como as crianças fazem suas produções.          * o aluno deve ser visto como ser expressivo.          * o professor se torna mediador entre o material e o aluno, um observador sensível disposto a ajudar o aluno em suas necessidades.          * deve ser de igual para igual, respeitosa, educada, uma troca de experiências.          * o vínculo afetivo é fundamental.          * é preciso haver ética.          * incentivar as conquistas do aluno.</p>
<p>7. Você acha que a Escolinha/CDE tem bastante visibilidade na sociedade? Por favor, justifique sua resposta, seja negativa ou positiva.</p>	<p>* visibilidade sim, mas não o crédito que merecem.          * as pessoas não se dão conta do valor que o trabalho representa.          * falta boa vontade da mídia.</p>	<p>* não.          * a filosofia das instituições não consegue se mostrar como produto interessante para a sociedade.          * por ter 60 anos o trabalho [das Escolinhas] está frágil, é preciso colocá-lo em foco.          * nossos meios de divulgação são os estágios, as aulas, as mídias e as oportunidades que aparecem.          * problemas causados por falta de local adequado e de reconhecimento por parte da UFRGS.</p>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>* o Estado não prioriza, a sociedade não procura.</li> <li>* na sociedade não, talvez no bairro em que se encontra.</li> <li>* a arte é vista como um conhecimento periférico, de horários vagos.</li> </ul>
8. Para você, o que sustenta este trabalho realizado pela Escolinha/CDE depois de mais de 40 anos de trabalho?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* é a crença de todas as pessoas que labutam neste trabalho.</li> <li>* crença de que estamos contribuindo para formar indivíduos mais criativos, sensíveis e felizes.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* acreditar que as relações são estabelecidas pelo conhecimento das diferenças.</li> <li>* acreditar que as relações criativas não são estabelecidas por fórmulas ou receitas.</li> <li>* um grupo de pessoas comprometidas com a educação através da arte.</li> <li>* a filosofia da Escolinha, é um projeto de vida.</li> <li>* os alunos que por elas passaram e sempre voltam com seus filhos, indicam a outras pessoas.</li> </ul>
9. Se a Escolinha/CDE fechasse suas portas hoje, como você, como educador se sentiria?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* triste em relação ao grupo com que convivo.</li> <li>* tenho a convicção que o trabalho nunca irá morrer, existem muitas sementes plantadas.</li> <li>* triste, após uma vida de dedicação e carinho.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* frustração, por ter participado e não ter conseguido mudar alguns vícios.</li> <li>* me sentiria responsável.</li> <li>* é preciso mostrar à sociedade que esse trabalho sério é algo diferencial.</li> <li>* não formamos artistas, pretendemos deixar uma experiência viva, no nosso ser sensível, cultural, expressivo.</li> <li>* cabe às Escolinhas o papel de sensibilizar para a poesia da vida.</li> <li>* frustrada pela negação de algo tão importante para todos.</li> <li>* decepcionado.</li> <li>* frustrado.</li> <li>* furioso.</li> <li>* procuraria outro local para continuar este trabalho.</li> <li>* como educadora, sentiria revolta, por um sistema que desconsidera a educação através da arte.</li> <li>* seria triste porque são umas das últimas instituições do estado.</li> </ul>



### 3. Estudantes, professores, artistas e demais pessoas da população

Pergunta	Principais conceitos apontados
1. Você conhece o Movimento das Escolinhas de Arte?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* pouco.</li> <li>* sim.</li> </ul>
2. Você sabia que em Porto Alegre existem a Escolinha de Arte da UFRGS e o Centro de Desenvolvimento da Expressão, que realizam este trabalho?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* sim, mais o CDE.</li> <li>* sim.</li> </ul>
3. Como você vê o trabalho realizado pelas instituições?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* trabalho de muito amor; pouca verba do governo; bom trabalho desenvolvido pelos professores com os alunos.</li> <li>* trabalho preocupado com o desenvolvimento artístico e potencial criativo dos alunos.</li> <li>* trabalho sério, baseado na experiência de pedagogos e professores de arte formados em boas universidades.</li> </ul>
4. Qual você pensa ser a importância de uma Escolinha de Arte?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* importância fundamental; espaço onde a criança esteja livre para executar seus trabalhos sem as metas da escola formal.</li> <li>* potencializar a criatividade do ser humano; ajudar o indivíduo a encontrar sua própria identidade; estimular o processo da inteligência a partir do fazer artístico.</li> <li>* é importante termos essas instituições focadas no ensino da arte desde a infância, voltada para ensinar o gosto pela cultura aos pequenos estudantes.</li> <li>* Escolinhas de Arte preparam um cidadão mais interessado e sensível para o mundo que o espera.</li> </ul>
5. O que você pensa ser mais importante: o processo de desenvolvimento/aprendizado da criança/adolescente ou o produto resultante disso? Por quê?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* processo: havendo bom processo, haverá bom desenvolvimento e um produto interessante; criança/adolescente bem estimulado tende a ser um adulto mais criativo.</li> <li>* processo: é no caminho do fazer que muitas questões são elaboradas; é no processo que o ser reflete e se constrói.</li> <li>* processo: nele se darão os reais significados das atividades feitas em aula, e que se refletirão na sua vida adulta.</li> </ul>
6. Como você vê a relação do educador com o aluno?	<ul style="list-style-type: none"> <li>* relação de confiança; troca permanente.</li> <li>* o educador deve estimular a expressão ao aluno proporcionando ambiente criador; deve lançar desafios de forma a provocar reflexões no aluno; o educador deve ser um facilitador no processo ensino-aprendizagem.</li> <li>* nos dias atuais a relação educador/aluno está passando uma fase de ressignificação.</li> </ul>

<p>7. Você acha que a Escolinha/CDE tem bastante visibilidade na sociedade? Por favor, comente sua resposta, seja negativa ou positiva.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* pertencer a uma escola de arte de ensino livre é um diferencial; com mais verba e espaço físico adequado talvez se ganhe mais visibilidade.</li> <li>* a repercussão vem de pessoas que vivem na atmosfera da arte; há pouca divulgação e pouca valorização.</li> <li>* não, é desconhecida de uma grande parcela da sociedade.</li> <li>* necessita de uma pauta no jornal para divulgar de tempos em tempos falando das atividades e história.</li> </ul>
<p>8. Para você, o que sustenta este trabalho realizado pela Escolinha/CDE depois de mais de 40 anos de trabalho?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* crença na arte e num projeto de vida melhor para os indivíduos; persistência.</li> <li>* crença de profissionais que levantam a bandeira do seu trabalho e no potencial criativo do homem; profissionais que apostam no fazer através de um clima de liberdade, de uma relação afetiva e de confiança mútua.</li> <li>* reconhecimento do Estado como instituição.</li> <li>* reconhecimento dos professores que lá trabalham.</li> <li>* os alunos que por lá passam ficam com uma boa impressão.</li> </ul>
<p>9. Se a Escolinha/CDE fechasse suas portas hoje, como você, se sentiria?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>* não consigo crer. A arte é tão importante na formação do indivíduo quanto comer.</li> <li>* me sentiria em luto por uma ideologia que se perdeu no tempo, incompreendida por cabeças que pensam demais e pouco fazem; o fazer nos leva a tecer caminhos, amadurecer dores, construir, reconstruir, formar nossa essência, nossa alma, nosso ser.</li> <li>* triste, pois é um espaço de tradição. Espaço para educar os pequenos cidadãos, de formação de arte-educadores. Espaço de reflexão, poucos espaços proporcionam tamanha interação ensino/formação de professores.</li> </ul>